

## Entre dois lados: “Quase”

DAGMAR MARIA PEREIRA SOARES DUTRA

É muito difícil encaixar Sá-Carneiro numa determinada Escola. Sua obra ultrapassa essa delimitação, essa dimensão. É um poeta que comunga com vários horizontes, para não dizer, dado o risco histórico que se corre, ser ele uma própria Escola. A forma de sua poesia nem sempre é o conteúdo, que gira, exclusivamente, em torno da essência a que denomina OUTRO. Características conteudísticas simbolistas se elaboram em formas clássicas, às vezes modernas: cubista, impressionista.

Por tudo isso é também muito difícil estudar a obra como um bloco, um todo; mas se não o fizermos, corremos o risco de não compreender Sá-Carneiro nem à sua poesia, pois assim ela se constrói, evolutivamente, do um ao Outro e do eu que ri do Eu e do Outro. «Dispersão» significa a busca de si mesmo, do eu. «Indícios de Ouro» é a busca do Outro, do Eu ideal, «resumo de ambição esteta», onde se situam a Beleza, a Arte e a Palavra (poesia).

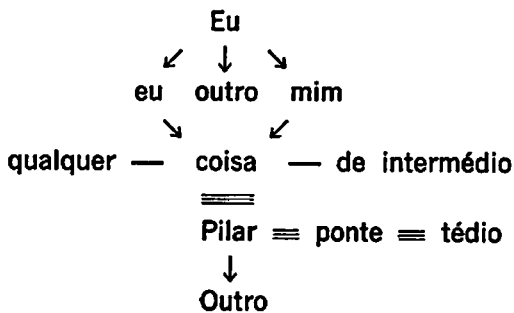
Nessa duplicidade encontramos a personalidade do autor e nela repousa o sentido de sua natureza poética. Sá-Carneiro o Outro criador, poeta, ideal; Sá-Carneiro o Eu analítico, real, humano, cotidiano, ambos frutos de uma mesma realidade: ele mesmo.

Nesse momento, forma e conteúdo se fundem, o seu estilo impreciso, metafórico exprime a oscilação de sua personalidade, o seu ser indefinido, vicário e intermediário. Essa forma de existir, de ver o mundo, está expressa no poema que e segue, o qual resume toda sua obra e filosofia:

Eu não sou eu nem o outro,  
 Sou qualquer coisa de intermédio:  
 Pilar da ponte de tédio  
 Que vai de mim para o Outro.

Os vocábulos escolhidos pelo poeta para se definir são muito significativos. **Qualquer** é um pronome indefinido, **Coisa** é, talvez, uma das palavras mais vicárias que conhece a língua, substitui qualquer outra, aliás, tudo que conhecemos e conseguimos nomear. **Intermédio** é o próprio indeterminado, o ser em algum lugar entre duas essências.

O poema é construído em torno de apenas três núcleos, a partir dos quais se desdobram determinantes «simbolistas»:



Para que esse Eu (eu, outro, mim) inconsciente alcance a dimensão do Outro, deve passar pelo crivo do eu-consciente, analítico, crítico que não consegue unificá-los: eu inconsciente Outro. O tédio é o reflexo da impossibilidade de união de contrários, de opostos situada no eu. O Outro é o espaço momentâneo onde isso é possível, por ser ideal.

O poema **Quase**, que passaremos a analisar, torna mais clara essa exposição.

### QUASE

Quase é a expressão da não-vitória, da não-conquista; é o «por pouco»; o golpe de asa que faltou. Quase é o mais próximo do Outro, infinito, onírico, lúdico, contrário, impossível, portanto, angustiante.

Um pouco mais de sol — eu era brasa,  
Um pouco mais de azul — eu era além,  
Para atingir, faltou-me apenas um golpe de asa...  
Se ao menos eu permanecesse alguém...

Sol e azul estão para o infinito, para o celestial, para além da realidade palpável, definidos tão somente em termos de impressão, do sensível. O azul e o além resumem vários matizes e várias dimensões, por isso sujeitos a várias interpretações e sentidos. As suas definições não pertencem a ninguém, são de todo mundo. Porém, Sá-Carneiro faz deles símbolo, metáfora e metonímia (é verdadeira essa afirmação se analisados de diferentes pontos de vista) de uma essência maior — o Outro, para que talvez pudessem ser alcançados.

Estas duas instâncias seriam o único meio para alcançar a transcendência, o fogo incandescente, a paixão, a vida, a eternidade. Sabê-las existentes e impossíveis seria pior do que desconhecê-las, não idealizá-las como meta, pois tudo de grandioso, de perfeito nelas se encontra: o amor, o triunfo e a chama, o princípio e o fim... a expansão.

Diante da impossibilidade de ser o Outro, o poeta se pergunta como se portar, como se conduzir. Ficar assombrado ou em paz frente ao sonho que quase viu realizar, e no «quase» desfazer-se, derramar-se, esvaír-se; na mesma névoa, na mesma formação que se construiu?» Entretanto nada foi só ilusão!

Nessa primeira parte do poema — o sonho, o Outro — encontramos muitas características simbolistas como a presença de muitos elementos sensoriais — sol, azul, bruma, dor; o sentimento de incompreensão, de estar fora do lugar, inambiência, o sonho, que é o grande espaço de fuga dos poetas dessa escola, mas esses elementos têm uma cor especial em Sá-Carneiro. A fuga do poeta não é para outra dimensão que não ele próprio, pois se a própria realidade emana dele e ela é ruim, estará nele o problema e nele deverá se resolver: cria-se o Outro. Essa «personagem» não existiu no simbolismo de Verlaine, de Baudelaire. À fuga, à evasão seguem-se momentos de extrema consciência e análise.

O poeta constrói o Outro por muitas metáforas — sol, azul, sonho, princípio e fim, caos, além — todas denotadoras de infinitude,

e o deixa no pedestal a que acredita pertencer. Desce a si mesmo para analisar o seu fracasso, o seu eu que erra, que «tudo» quer, e por isso tudo perde. O outro não é uma ilusão, ao contrário, é uma verdade concreta, sendo, sim, ilusão a tentativa de querer alcançá-lo.

Ainda nessa parte não se nota muito o estilo reticente, impreciso, justamente pelo fato de o poeta ter como certas a existência e essência do Outro, a distância que separa eu e Outro, a não-vã luta para alcançar a categoria do Outro, uma vez que fica a experiência de quase tê-lo sido, ainda que fracassada. As reticências dessa parte se desfazem na consciência e afirmação categórica do último verso: «Entanto nada foi só ilusão!»

«De tudo houve um começo... e tudo errou...  
— Ai a dor de ser-quase, dor sem fim...  
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,  
Asa que se elançou mas não voou...»

Esta estrofe é muito rica semanticamente, e, é claro, filosoficamente. O verbo errar nos remete tanto à falha, ao erro, quanto a caminhar sem rumo. A indefinição continua nos determinantes de dor — «de ser-quase», «sem fim» — e nas reticências que, diga-se de passagem, são a pontuação mais abundante no poema. Em «ser-quase» o poeta transforma o advérbio de «instante ou lugar mais próximo de», e momentâneo em substantivo concreto «indefinido», «infinito».

O poeta rompe com a sintaxe tradicional e cria um objeto direto para o verbo falhar — «falhei-me». Fica até difícil identificar o referente de me. Parece-me que o verbo ganha uma nova cor, um novo sentido. Na sexta estrofe deparamo-nos com um problema de ambigüidade sintático-semântica. «Se me vagueio» tanto pode ser analisado com «vaguear em mim, por mim», como «se me faço vaguear» (por algum lugar).

Essa flutuação, imprecisão de sentido, corrobora com a instabilidade psicológica do poeta, com a não-identificação de um estado ou a sua difusão por todas as coisas — hiper-identificação.

A quinta estrofe, mais do que talvez a terceira, intensifica a sensação de ser (ser) — quase, de estar findado a um espaço intermediário... que alguém (talvez o eu ou o outro, ou o sonho do Outro) covarde, impede.

O poeta tenta como último esforço resgatar tudo o que lhe passara pela alma, mas cai consciente de que isso já não mais é possível; passou deixando-lhe apenas o vazio, o desencanto «das coisas que beijei mas não vivi».

Essa sensação de efemeridade é muito característica na obra de Sá-Carneiro que, como duplo, coisa ou intermédio, não pode viver as sensações como um ser indiviso faria.

Mas o poeta inexistira:

«Um pouco mais de sol — eu era brasa,  
Um pouco mais de azul — eu era além,  
Para atingir, faltou-me um golpe de Asa...  
Se ao menos eu permanecesse alguém...»

pois ele é o « pilar da ponte de tédio/ Que vai de mim para o Outro».

## BIBLIOGRAFIA

1. SA-CARNEIRO, Mário. **Poesias**. Lisboa, Edições Ática.
2. Textos distribuídos em aula.